

O mal do exílio em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum

The evil of exile in Northern Ashes, by Milton Hatoum

Maria Cristina Ferreira dos Santos¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a obra *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, sob a perspectiva do deslocamento físico e psicológico. Neste romance, em que a questão do exílio é mostrada de forma extrema, todas as personagens são deslocadas e infelizes devido a condições familiares, tradicionais, financeiras, sexuais, artísticas, profissionais, entre outras. A discussão se centrará na personagem Raimundo, o protagonista, e na sua relação consigo mesmo e com os que o cercam. Além disso, o enredo fornece material para se discutir a função da Arte e os tipos de narradores existentes; no caso de *Cinzas do Norte*, há três narradores que relatam os acontecimentos. Outra questão importante é a relação entre pai e filho, avassaladora neste romance. Para tais discussões, serão utilizados os pressupostos teóricos de Edward Said, Pierre Ouellet, Julia Kristeva, Maria José de Queiroz e Denise Rollemberg.

Palavras-chave: Exílio; Deslocamento; Arte.

Abstract: The aim of this article is to analyze the work *Northern Ashes*, by Milton Hatoum, from the perspective of physical and psychological displacement. In this novel, in which the issue of exile is shown in an extreme way, all the characters are displaced and unhappy due to familiar, traditional, financial, sexual, artistic, professional conditions, among others. The discussion will focus on the character Raimundo, the protagonist, and his relationship with himself and those around him. In addition, the plot provides material for discussing the function of Art and the types of narrators that exist, which in the case of *Northern Ashes* there are three narrators who report events. Another important issue is the relationship between father and son, overwhelming in this novel. For such discussions, will be used the theoretical assumptions of Edward Said, Pierre Ouellet, Julia Kristeva, Maria José de Queiroz e Denise Rollemberg.

Keywords: Exile; Displacement; Art.

Introdução

*A errância não era meu destino, mas a volta
ao lugar de origem era impossível.*
(Milton Hatoum)

O exílio, o deslocamento e a migração são temas recorrentes na Literatura Contemporânea Brasileira e Mundial. Isso ocorre devido à enorme quantidade de desterrados em consequência das guerras e de políticas inadequadas, as quais perseguem determinadas etnias e religiões, forçando pessoas a se exilarem. Em diversas obras sobre essa temática, percebemos o viés avassalador da migração, que acomete não apenas os diretamente envolvidos, mas tem consequências econômicas, ambientais, entre outras: “[...] nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela UFRGS. E-mail: ymaria1@hotmail.com.

ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (SAID, 2003, p.47).

Milton Hatoum é um exemplo de escritor que aborda a questão da migração e suas consequências sociais, culturais e psíquicas. Em seu romance *Cinzas do Norte* (2012), primeira edição de 2005, o exílio é levado às últimas consequências, pois todas as personagens são deslocadas, mesmo as que nunca saíram de seu país ou de sua cidade. A narrativa é contada por três narradores, Lavo, órfão agregado de uma família rica da Amazônia, por seu tio Ranulfo, e por seu amigo Mundo, o qual se manifesta através de cartas ao seu colega. Nesse entretanto, diversos temas são postos em xeque, como a relação conturbada entre pai e filho, entre marido e esposa e entre mãe e filho; a relação entre amigo abastado que decai e amigo pobre que ascende na vida; a não aceitação da Arte vanguardista; as consequências da Ditadura Militar para a juventude e, mormente, o deslocamento.

O enredo de *Cinzas do Norte* e a conturbada vida de suas personagens fazem lembrar as reflexões de Edward Said (2003) sobre o tema do exílio, a saber, a de que é, sempre, uma situação horrível de se experimentar:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

O Neocolonialismo ocasionou o deslocamento de inúmeras pessoas e a fusão de diversas culturas, por isso, a Era Moderna é, por si só, a época dos refugiados, dos deslocados, da migração em massa. Pensar sobre esse assunto é abordar a condição humana na contemporaneidade. Segundo Maria José de Queiroz (1998), o infortúnio é o que une e iguala o ser humano. E a Literatura, por tratar especialmente da carga humanitária, se dedica a abordar as mazelas, especialmente o deslocamento:

A literatura do exílio não prega bem-aventuranças nem a luta de classes, não ensina, como Heidegger, o niilismo total, não faz da náusea, ao modo de Sartre, regra de vida, não cai no absurdo absoluto de Camus nem na desumanização apocalíptica de Wittgenstein. As questões a que responde abrangem situações concretas diante das quais cabe ao exilado deliberar. O conhecimento e a experiência do infortúnio é que solidariza, nos males da ausência, aqueles que os padecem, tornando-os uma comunidade (QUEIROZ, 1998, p.17).

Dessa forma, corroborando o pensamento de Said e de Queiroz, propõe-se, neste ensaio, travar uma discussão sobre os aspectos negativos do exílio e do deslocamento, a partir da narrativa de *Cinzas do Norte*, tendo como centro a personagem Raimundo, e suas relações com os demais e consigo mesmo.

Raimundo e os seus

Raimundo é filho do latifundiário Jano, homem autoritário e que tem como escopo modernizar a Amazônia, e de Alícia, mulher bela e sensual de origem extremamente humilde, que, para melhorar sua condição de vida, casou-se sem amor. Mundo, por sua vez, é o reverso de seu pai, ou seja, apegado à Arte e à quietude, avesso ao sistema político vigente e aos projetos capitalistas de seu pai. Nesse triângulo, todos sentem-se estrangeiros na própria pele e cidade natal na medida em que Jano não tem o filho que sonhou e não é amado pela esposa. Alícia sente-se sufocada pelo relacionamento sem amor e Mundo não é aceito por seu pai e por aqueles que não entendem de Arte. Aqui nota-se que o deslocamento não precisa ser geográfico, não é necessário ir a outra cidade ou país para sentir-se desenraizado, pois isso pode ocorrer dentro da própria casa, da própria família.

A sensação de deslocamento vivenciada por Mundo começou na sua infância, uma vez que ele preferia ficar no quarto desenhando a sair com o pai. Essa atitude era inaceitável para um homem como Jano, sendo extremamente tradicionalista e machista, como vemos no excerto abaixo:

Tua mãe percebeu que tua maior diversão era perambular na chuva e teu maior prazer era desenhar. E tu querias ficar sozinho para fazer as duas coisas. Então Jano te proibiu de sair na chuva, te trancava no porão e às vezes demorava a ir ao trabalho, queria te vigiar e também vigiar tua mãe, que te libertava logo que ele saía. Ela dizia a Jano que

não havia problema em brincar na rua em dias chuvosos, as crianças adoravam, mas Jano não a ouvia: durante os meses de inverno daquele ano mandava um funcionário ao palacete para ver se ainda estavas no porão, e tua mãe o expulsava aos berros: “Diz pro teu patrão que meu filho não é um bicho”; então ele mesmo, Jano, voltava para te vigiar, e, enquanto teus pais discutiam, tu fugias, e tua mãe cachinava de tanto nervosismo, e o idiota do Jano pensava que ela fazia pouco dele. Aí Macau ia atrás de ti, e teu pai te confinava de novo no porão. Perguntavas a tua mãe por que tudo era tão escuro e por que agora só escutavas o barulho da chuva e das trovoadas, e por que tinhas que comer sozinho e só podias sair à noite para ir dormir no quarto, e ela, tua mãe, não sabia o que dizer (HATOUM, 2012, p. 214).

A mãe, durante a infância, o protegia, mas o pai o maltratava e desprezava: “Nenhum livro de matemática nas estantes. Só arte, poesia... Pior ainda: nenhuma fotografia de mulher, a não ser a da mãe. Meu filho não pode continuar assim” (HATOUM, 2012, p. 31).

Uma vez que era um menino da elite, filho de latifundiário que apoiava a Ditadura Militar vigente, Mundo era perseguido por seus colegas de escola, que consideravam injustos alguns privilégios que ele tinha: “A gente estuda que nem condenado, como é que ele consegue passar de ano? Reclamava Minotauro. E o Delmo: Os pais dele devem dar uma boa gorjeta aos professores e bedéis. Já se livrou até dos Jogos de Arena” (HATOUM, 2012, p. 14).

Para vingar-se de Mundo, Minotauro apronta um trote maldoso que nos leva à reflexão sobre o estado de decadência em que Mundo já se encontrava ainda na tenra adolescência. A personagem Mundo sofre diversos tipos de desenraizamento durante a narrativa, até aqui vemos que era deslocado na família e na escola:

Minotauro colou com carrapicho um chumaço de rabiola na traseira do artista, tocou fogo com álcool e se afastou; eu ia correr para alertá-lo, Minotauro me segurou, tapou minha boca com a mãozorra e curvou com força minha cabeça. Mundo estranhou a risada das garotas, viu a fumaça entre suas pernas, deu um pinote e se atirou no lago. Depois, sentou na pequena ponte de pedra, tirou os sapatos e o cinturão, e ficou ali, todo molhado, fitando os bichos, ouvindo a zombaria dos ginásianos. Dezenas. Não se mexeu; esperou o sinal do fim do recreio, a praça sem fardas, urros e gargalhadas. Parecia mais triste que raivoso. “Estou acostumado”, disse, sem olhar para mim (HATOUM, 2012, p. 17).

A afirmação de Mundo de dizer que “está acostumado” com as humilhações deve-se ao fato de que, em sua casa, o desprezo por seus trejeitos era constante, assim, nem em seu lar, tampouco na escola, sentia-se acolhido, sendo um deslocado.

Conforme Pierre Ouellet (2013), o Homem vive em deslocamento, é uma condição imposta, *a priori*, pela História.

Pois não é somente o próprio homem, em carne e osso, que sua condição empurra a buscar asilo em terras de exílio onde ele não consegue mais viver senão sob a ameaça de ser expulso; é a própria humanidade que vive uma forma de exílio ontológico, cujo ser completo padece profundamente, até em sua voz e sua palavra, ou até em sua alma, cortada do território interior onde ela se nutria, gritando faminta diante do vazio em que a deixamos (OUELLET, 2013, p. 145).

No enredo de *Cinzas do Norte*, vemos como há a presença da História determinando as atitudes e as mazelas das personagens. Um ponto importante é que o enredo se passa em plena Ditadura Militar, que, por si só, já foi um período de opressão e de exílios forçados ou voluntários. Todos os que discordavam dos preceitos ditatoriais se sentiam, de antemão, deslocados e estrangeiros em suas próprias terras, como é o caso de Mundo, que se manifestará contrário aos militares. Outra questão é a tradição brasileira dos oligarcas, como é o caso de Jano, pai de Mundo, o qual segue um padrão de conduta, especialmente em relação ao filho e à esposa. Esta, por sua vez, também traz a tradição de um sistema patriarcal e machista, em que a mulher tem que se privar do amor para garantir um casamento que lhe renda uma vida estável. A narrativa subentende que Jano só é compreendido e estimado por seu cachorro, o Fogo: “Nos últimos meses da vida de Jano foi assim: Fogo e seu dono num quarto, e a mulher, sozinha, no quarto do filho ausente” (HATOUM, 2012, p. 11).

Além dessas personagens deslocadas, temos, na órbita de Mundo, seu amigo Lavo e seu mentor Ranulfo. O primeiro é órfão que vive com a tia, uma espécie de agregado da família de Jano e, não obstante sua condição, é mais querido por este do que seu próprio filho. Após sair do colégio, Lavo vai estudar Direito, carreira que Jano sempre sonhara para Mundo. Apesar de ter conquistado status, Lavo também é um deslocado dentro de seu próprio universo, nunca consegue se libertar psicologicamente de sua procedência humilde.

Na voz do amigo de Mundo, podemos ver como ele se ressentia pelo fato de Jano o usar como exemplo para humilhar o filho:

O jogo com Jano não era uma brincadeira. Contou que o pai me usava para humilhá-lo, vivia dizendo que eu era um universitário e que estava prosperando. Que eu não tinha onde cair morto, mas ia ser um advogado, e ele, Mundo, não era nada, ninguém... (HATOUM, 2012, p.107).

Além disso, o pai de Mundo, por acreditar que Lavo é um estereótipo do homem que ele acredita ser o ideal, lhe incumbiu uma tarefa de pôr seu filho no “bom caminho”:

Quero que ele encontre com uma mulher e desapareça da casa daquele artista. Uma mulher... velha ou moça, uma viúva, uma puta, uma mulher qualquer E que nunca mais entre na casa do maldito. Pago um dinheirão por isso. Quero salvar meu filho, antes que seja tarde. Pensa nisso, Lavo. É um trabalho como outro qualquer [...] Senti-me diminuído, atordoado, perante aquele pai que não era o meu [...] Nunca falei a Mundo dessa oferta generosa e infame (HATOUM, 2012, p.33).

Lavo, obviamente, abomina tal tarefa, sente-se indignado e começa a perceber que seu amigo, mesmo tendo uma vida luxuosa que muitos sonhavam em ter, é infeliz e deslocado em sua própria família. O enredo deixa implícito que Mundo é homossexual, particularidade que aumenta o repúdio de seu pai e sua condição de “pária” na sociedade em que vivia. Mais uma forma de exílio é evidenciada, ou seja, já vemos que ele se sente deslocado na família, na escola, por ser artista e por ser gay, ambas situações não toleradas pelo contexto histórico em que estava inserido.

Ademais, há o fator de ser contra a Ditadura Militar, pois Mundo se manifesta, mais de uma vez, abertamente contrário aos Militares, atitude que enfurecerá seu pai e fará com que ele se sinta ainda mais deslocado e desprezado. Na medida em que estudava num Colégio Militar, Mundo se rebelou ainda na adolescência: “Rasgou a farda, pregou os trapos nas janelas e saiu quase nu na frente de todo mundo”, prosseguiu Jano: “Meu filho se expôs ao ridículo, mangou do diretor e ainda fez uma caricatura também do coitado” (HATOUM, 2012, p. 101).

Em outro episódio, quando é forçado a dançar e se envolver com moças, Mundo também aproveita para se mostrar revoltado contra os Militares e irritar seu pai: “Disse que não censurava a bebedeira do filho: sempre quisera vê-lo dançar e beber com mulheres. O problema era a revolta... ele não podia ter insultado os militares” (HATOUM, 2012, p. 59). Para Jano, mais importante que o bem-estar de seu filho, é a aparência cordial que deve mostrar perante os militares, ou seja, neste caso se embriagar é aceitável, mas criticar o regime político, não. Esse episódio confirma o argumento de Pierre Ouellet (2013) de que o exílio é condição intrínseca do ser humano, pois não apenas Mundo sofre desse mal, mas também seu pai que, sob a máscara da brutalidade, é coagido indiretamente pelos militares a agir conforme se espera dos adeptos da Ditadura.

A relação com seu amigo Lavo é uma das que mais contribuem para o sentimento de exclusão e deslocamento sentido por Mundo, uma vez que, ao longo da narrativa, ele sente seu amigo distanciar-se, não apenas fisicamente, mas em ideias, ideais, projetos, entre outros. Além da já mencionada situação em que seu pai o usava para humilhar Mundo. Em uma briga que tiveram pouco antes de Mundo ir se exilar na Europa, ele admoesta seu amigo: “Vai lá com aquele covarde. Não és o filho que ele queria ter?” (HATOUM, 2012, p. 170). Em contrapartida, essa situação leva Lavo a também se sentir diminuído, essas relações com o pai do outro não lhe trazem benefícios, ao contrário, o faz perder a amizade e se desmotivar.

A amizade com Ranulfo também é decisiva para Mundo, pois ele é praticamente a única pessoa que o entende e o defende. Ranulfo fora, na juventude, namorado de Alícia, mãe de Mundo, e por ela continua nutrindo uma paixão, a qual se estende a seu filho. Ele compreende a aptidão artística de Mundo e seus interesses, entende que ele é diferente da maioria dos jovens, e entende os motivos que o fazem se sentir deslocado em sua casa e em sua cidade. Quando soube que Jano e Alícia colocariam Mundo em um Colégio Militar, ele afirma: “[...] internato, Colégio Militar! Ela e o marido iam destruir o sonho de Mundo. Em que tempo e país viviam eles? Mundo ia fugir: ou ela não conhecia o filho?” (HATOUM, 2012, p. 84).

Ainda sobre as relações familiares e fraternais de Mundo e o que elas representam para sua condição de deslocado e exilado, há, na narrativa de *Cinzas do Norte* (2012), indícios que seu avô paterno era um migrante infeliz, que vivia em

constante nostalgia de seu país, para o qual nunca pode retornar, mostrando mais um exemplo do que advertiu Pierre Ouellet (2013), a saber, que o exílio é uma peculiaridade do ser humano.

Azulejos verdes e vermelhos desenhavam um mapa de Portugal no fundo da piscina, em cujas paredes estavam gravados nomes de reis e de rainhas desse mesmo país. “Meu pai dizia que essa decoração era para que se mergulhasse na sua pátria”, disse Jano. “Nunca mergulhou, não tinha tempo para saudades” (HATOUM, 2012, p. 59).

A sensação de deslocamento, conforme supramencionado, acomete a todas as personagens de *Cinzas do Norte*, e quem a leva ao extremo, se exilando, é Raimundo. Entenda-se exílio geográfico, pois as outras formas de deslocamento ele vivenciava em sua casa, família, escola, cidade e sociedade.

Raimundo e a Arte

A Arte é um fator agravante para os acontecimentos negativos na vida de Mundo, pois, na comunidade em que ele vive, ela não é compreendida, tampouco valorizada. Desde idade pueril, em que se dedicava aos desenhos, enquanto outros garotos preferiam acompanhar seus pais no batente, ou brincar ao ar livre. Atitude que sempre enfureceu seu pai e foi motivo de discórdia.

Na adolescência, procurava Ranulfo, quem o compreendia e o incentivava a ser o que lhe apetecesse. Época em que conheceu Arana, um salafrário, pseudo artista que quer tirar proveito de tudo e de todos. Mundo realmente tem talento para as artes plásticas, e deseja fazer uma arte não passiva ou contemplativa, que exija o envolvimento do público e atue como instrumento de liberação da voz, do gesto e do corpo; Arana foi contra, na medida em que ele queria apenas uma arte mercantilista. Esse é outro fator que contribui para tornar Mundo um deslocado, na medida em que no universo da Arte, no qual julgava que seria acolhido e compreendido, também é rejeitado por alguns e desiludido de suas convicções artísticas.

Seu projeto inicial, que tinha como escopo, além de suscitar questionamentos a partir da Arte, irritar seu pai, foi realizado justamente no Novo Eldorado, bairro recém-criado, onde Jano investe dinheiro, e os militares, poder. Sua intenção era fazer uma

arte autóctone, representando as consequências da intervenção dos capitalistas na Amazônia, e, ao fazê-la, foi motivo de escárnio e, assim, mais um episódio em que ele se sente deslocado em sua própria terra:

A matéria, em sua maior parte um resumo elogioso da biografia de Jano, ironizava a pretensão de Mundo: “um filho rebelde, estudante fracassado e dândi fardado que queria fazer arte contemporânea num bairro de gente pobre, onde quase todos são analfabetos” (HATOUM, 2012, p. 150).

Seu pai incendiou sua produção artística, ato que o levou a se afastar fisicamente de tudo e de todos, buscando o exílio na Europa, onde acreditava que seria mais compreendido. Porém, ao contrário do que esperava, sua mudança de país só agravou sua solidão e sua sensação de deslocamento e incompreensão.

Conforme Denise Rollemberg (1999), o exílio é resultante da exclusão, da negação, da dominação, da anulação e da intolerância. E são exatamente esses fatores que levam Mundo a buscar exílio, mesmo sendo filho de um latifundiário, herdeiro de uma grande fortuna. A intolerância da família, dos amigos e conhecidos teve como consequência sua vontade de se exilar. Ou, nas palavras da autora supracitada: “[...] o exílio aparece como possibilidade, quando a resistência interna é impossível” (ROLLEMBERG, 1999, p. 24). É uma forma de Mundo afirmar sua resistência, não desistir de sua Arte e de agir da maneira que lhe convém, muito embora o exílio físico só tenha lhe trazido mais dissabores, até mesmo patologias.

Raimundo, o mundo e a doença do exilado

Segundo Denise Rollemberg (1999), as consequências psicológicas do exílio são avassaladores para os que o experimentam:

Sobre os pilares – afastamento/exclusão/eliminação e castigo – o universo do exilado se constrói. O afastamento causará a despersonalização e o anonimato, próprios do exílio, devido à “ruptura narcísica”, produzindo, por sua vez, a crise de identidade. A ruptura tem a dimensão de um traumatismo, porque o exílio rompe com o movimento que constrói o homem a partir de seus projetos e ilusões,

renovado, permanentemente, na convivência com os outros. O exílio rompe com o conforto da relação na qual o homem é reconhecido, o que evita o sentimento de precariedade (ROLLEMBERG, 1999, p. 25).

Conforme a autora, o mal do exílio está presente na Literatura desde os primórdios até os dias atuais. Os exemplos são inúmeros, desde as clássicas epopeias, como *Ulisses*.

O que ocorre com Mundo no estrangeiro é semelhante ao descrito por Denise Rollemberg (1999), pois ele acreditou que seria mais valorizado alhures, muito embora se sentisse mais deslocado. A personagem de *Cinzas do Norte* almejou o exílio como forma de protesto e de resistência, maneira de mostrar que podia, a despeito de todas as humilhações que sofrera em sua família e em sua cidade, sobreviver e ascender.

A personagem Mundo vive, dessa forma, em permanente luto. Esse vocábulo é usado por Rollemberg (1999) para demonstrar o lado negativo do exílio, semelhante, muitas vezes, à morte, pois define-se uma parte do ser, que é, não raras vezes, irrecuperável. Ela também afirma que o exilado vive de passado, pois, numa terra estranha, em momento de adaptação, recorre às lembranças de outrora. Porém, Mundo é tão infeliz que não possui o refúgio das lembranças, seu passado é tão repugnante quanto seu presente, e quanto seu futuro será.

Maria José de Queiroz, em *Os males da ausência ou a Literatura do exílio* (1998), discorre sobre o mal do exílio, ou seja, a patologia que é resultado da ausência, do afastamento da terra de origem e dos familiares:

Sofrido e padecido por exilados, banidos, desterrados, degredados, proscritos, deportados, o mal do exílio tanto se inclui num dos capítulos mais pungentes da história universal da infâmia como nas páginas da literatura ou no prontuário médico das patologias mentais (QUEIROZ, 1998, p. 20).

Com Mundo, a patologia atinge o plano material e o metafórico, pois ele tem uma doença física, que a narrativa dá indícios de tratar-se de AIDS, mas também é um mal psíquico, pois “Uma febre esquisita, com manchas no corpo. Acho que é cansaço, ou saudade do Brasil” (HATOUM, 2012, p. 219). Seu mal do exílio atinge o extremo levando-o à morte, mas antes disso ele viveu um calvário, na medida em que estava na extrema pobreza e degradação humana. Ainda quando não estava tão mal, ele

descreveu, em uma das cartas endereçadas a Lavo, sua situação precária: “Tão cedo não volto ao Brasil. Faço uns trabalhos maçantes e idiotas para sobreviver, mas consegui um teto num bairro operário, sudeste de Londres” (HATOUM, 2012, p. 203). De filho de latifundiário, herdeiro de um enorme patrimônio, passou a ser quase um mendigo.

Antes de seu falecimento, Mundo, em uma das últimas cartas que escreve ao seu amigo Lavo, pede-lhe que vá para a Europa. Ele, mesmo sentindo-se sempre deslocado por sua situação de agregado e órfão, e pela situação do pai de seu amigo sempre o usar para humilhar o filho, não leva essa condição ao extremo de rebelar-se e ir para o estrangeiro:

Mundo sabia que dificilmente eu sairia de Manaus; nas cartas que lhe enviei, insisti nesse assunto, dizendo que minha cidade era minha sina, que eu tinha medo de ir embora, e mais forte que o medo era o desejo de ficar, ilhado, enredado na rotina de um trabalho sem ambição. Eu declamava, quase brincando, os versos decorados no Pedro II, que uma noite ele recitou com pompa, afogado na bebida e na esbórnia da Castanhola: “Ingrato o filho que não ama os berços do seu primeiro sol”. Ria e me provocava: “Acho que sou esse filho, mesmo sem querer ser...” (HATOUM, 2012, p. 229).

Assim, a distância entre amigos de infância aumenta, pois um teve o ímpeto de deixar para trás seu país, o outro não teve coragem de partir e lançar-se ao estrangeiro, muito embora também sofresse por sentir-se deslocado e vazio de propósitos. Para ambos a terra natal é hostil e contribui para a condição de deslocados infelizes.

A mãe de Mundo, após o falecimento de Jano, seu marido, seguiu também para a Europa para encontrar o filho. Porém, o fato de estar perto só aumentou a solidão de Mundo, pois Alícia se afundou no alcoolismo, e em nada ajudou para amenizar o sofrimento do filho, padecendo ela, também, de uma profunda solidão.

Quando Mundo estava em estado terminal de sua doença, ele e sua mãe voltam ao Brasil, porém não à sua cidade, mas sim ao Rio de Janeiro, onde Alícia continua com suas bebedeiras e Mundo, por sua vez, decai, morrendo em uma terra que não era a sua: “O Rio foi a cidade que ele escolheu para morrer” (HATOUM, 2012, p. 252).

Após o falecimento do amigo, Lavo, a pedido de Alícia, vai ao Rio. Não a via desde o velório de Jano. Contou-lhe que vivia na miséria e que “Quando estou muito apertada, vendo um quadro ou um estanho. Ontem foram duas aquarelas. Naiá foi descontar o cheque. Sei que não é sempre assim, mas só consegui vender depois que ele morreu” (HATOUM, 2012, p. 246). Logo, Alícia mostra a Lavo a obra que Mundo a proibiu de vender, uma que começara na Alemanha e terminara em Londres, em que é possível apreender sua dor de nunca ter sido compreendido e se sentir exilado em sua terra e família:

Na primeira pintura uma figura masculina aparece de corpo inteiro, os olhos cinzentos no rosto severo, ainda jovem, terno escuro e gravata da cor dos olhos, as mãos segurando um filhote de cachorro, e, ao fundo, o casarão da Vila Amazônica, com índios, caboclos e japoneses trabalhando na beira do rio. Mundo, no meio dos trabalhadores, olha para eles e desenha. Nas quatro telas seguintes as figuras e a paisagem vão se modificando, o homem e o animal se deformando, envelhecendo, adquirindo traços estranhos e formas grotescas, até a pintura desaparecer. As duas últimas telas, de fundo escuro, eram antes objetos: numa, pregados no suporte de madeira, os farrapos da roupa usada pelo homem no primeiro quadro, que havia sido rasgada, cortada e picotada; na última, o par de sapatos pretos cravados com pregos que ocupavam toda a tela, os sapatos lado a lado mas voltados para direções opostas, e uma frase escrita à mão num papel branco fixado no canto inferior esquerdo: *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido* (HATOUM, 2012, p. 249).

Mundo havia levado para a Europa a roupa que seu pai vestira no dia de seu casamento, e a usou em sua obra, sendo sua maneira de expressar a mágoa que sentia de seu pai e de expressar sua maneira de entender o contexto em que vivia, ou seja, convergência de época antiga com modernidade, trabalho braçal e trabalho intelectual que não encontram um paralelo de convivência pacífica.

Da visita de Lavo à Alícia, além de conhecer a obra derradeira de Mundo e toda sua agonia, ele fica sabendo que ela, no crepúsculo da existência de seu filho, lhe revelara que Jano não era seu pai. Assim, Mundo sofreu conflitos com um homem que nem sequer era seu genitor. Essa revelação certamente enalteceu sua revolta e seu sofrimento, mormente porque seu verdadeiro pai é Arana, o homem mais desprezível que ele conhecera, o que lhe enganou e deturpou a noção de Arte. Como não

bastassem todas as formas de exílio que ele sofrera ao longo da vida, agora vê-se na condição de filho bastardo. Ser homossexual e artista, atribuições não esperadas pela sociedade em que nasceu, já o fizera sofrer, mas ser bastardo o coloca num patamar ainda mais abjeto, levando em consideração o contexto histórico e social em que se encontrava.

Mundo deixara uma última carta a Lavo, a qual, um tempo depois, ele anexa à narrativa que publica sobre seu amigo. Alícia, logo depois de sua visita, “Morreu seca e sozinha, que nem o filho. Na última bebedeira, chorava de dar pena” (HATOUM, 2012, p. 254). Fica evidente mais uma relação complicada que Mundo mantinha, a qual ampliava seu sofrimento, pois não era somente com o pai que tinha problemas, aliás com ambos, tanto o de criação quanto o verdadeiro, mas também com sua mãe. Ela nunca conseguiu defender o filho da ira e dos castigos impostos pelo marido, tampouco foi capaz de apoiar Mundo quando ele estava no exílio. Ao contrário, aumentou sua condição de desajustado e solitário, ademais de vender suas obras de arte para manter seu vício em bebidas alcóolicas.

Na carta, Mundo conta o segredo de sua proveniência e revela a Lavo que nunca desejou o exílio, tampouco a sensação de não ter para onde voltar:

Pensei: todo ser humano em qualquer momento de sua vida devia ter algum lugar aonde ir. Não queria perambular pra sempre... morrer sufocado em terra estrangeira. A errância não era meu destino, mas a volta ao lugar de origem era impossível (HATOUM, 2012, p. 262).

À guisa de conclusões

Cinzas do Norte é uma obra que demonstra, de maneira exímia, a famosa frase de Julia Kristeva (1994) que dá nome ao seu livro, a saber, de que somos estrangeiros para nós mesmos. A condição de deslocado não se resume a uma personagem central ou àquela que foi para terras distantes porque se sentia desconfortável em sua própria, mas permeia todos os indivíduos do enredo, todos são estrangeiros em suas próprias peles e em sua própria cidade.

O casal Jano e Alícia não se sente bem em nenhum momento da narrativa, esta é extremamente infeliz por ter casado sem amor e por seu marido desprezar Mundo, o

qual, no desfecho, descobrimos que nem era seu filho. Aquele, apesar de ser rico e praticamente dono da cidade, não é amado por ninguém, seu esforço laboral não lhe traz satisfação e nem aos seus correlatos.

Lavo, por sua vez, o melhor amigo de Mundo, é infeliz e deslocado desde a infância de menino pobre e órfão, que via seu amigo desvalorizar a vida privilegiada que tinha. Talvez a personagem que mais sofre, pois nunca teve abundância de nada e a profissão de advogado, que tanto batalhou para conseguir, não lhe trouxe satisfações, ademais de se abalar muito ao compreender a densidade da solidão de Mundo e sua complicada relação com o homem que nem era seu genitor.

Ranulfo dedicou sua vida à Alícia, tentando obter seu amor e sua companhia, depois transferiu essa obsessão ao filho dela, controlando seus passos e incentivando-o na Arte e em seus ideais. Fracassou em todas suas aspirações.

Arana, a personagem mais iníqua, também é vítima da solidão e do deslocamento, é o verdadeiro pai de Mundo, e nunca pode revelar essa condição.

Mundo, conforme supramencionado, sofre drasticamente do mal do exílio, não apenas quando vai ao estrangeiro, porém antes mesmo, quando não era compreendido por ninguém. A moléstia da solidão dele, de sua mãe e de seu pai de criação chegam ao extremo, levando-os à morte. Não há final feliz para nenhuma das personagens.

Analisando essa obra de Milton Hatoum, percebemos que, pior do que a condição de um exílio involuntário, de chegar a uma terra estrangeira sem ter optado e sem conhecer ninguém, é a de ser estrangeiro em seu próprio país, ou, pior ainda, em sua própria família.

O enredo de *Cinzas do Norte* evidencia o desamor, uma vez que todas as personagens são movidas por sentimentos mesquinhos, como a inveja, no caso de Lavo, o interesse financeiro, com Alícia, o machismo, a ambição desmedida e a violência, com Jano, a desonestidade e corrupção, com Arana, o comodismo, com Ranulfo, e a vontade da vingança, com Raimundo. Não obstante algumas diferenças de caráter e atitudes, o sofrimento torna as personagens semelhantes na infelicidade de nunca sentirem-se pertencentes a um lugar, ou a uma família.

Há uma famosa frase de Martin Heidegger, da obra *Ser e Tempo* (2002), em que ele afirma que estamos sempre voltando para casa, atestando, dessa forma, o fato que todo ser humano, muito embora viva em movimento e constantes adaptações, urge

pertencer a um lugar específico, ter a sensação de possuir uma casa, uma cidade, um país e uma família para retornar quando assim o desejar ou necessitar. As personagens de *Cinzas do Norte* contrariam essa lógica, pois nenhuma delas tem para onde voltar, e mesmo que aparentemente haja um lar, não o desejam. São perpétuas desenraizadas.

REFERÊNCIAS

- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: MEDIAfashion, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Parte II.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- OUELLET, Pierre. *Palavras migratórias*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em: 14/05/2017

Aceito em: 12/09/2017